

Moção 72

Revolução na Educação

o despertar de um movimento.

1.Preâmbulo

Entre 1974 e 1976 a escola foi resgatada da hegemonia do Estado-educador, e tomada (em alguns casos literalmente) por professores, alunos e elementos da comunidade. A figura do reitor foi afastada e surgiu um movimento autónomo e heterogéneo de organização e eleição de órgãos colegiais dentro da escola. O início de uma revolução que só se poderia materializar com a escola a reclamar o seu legítimo lugar: o centro do espaço democrático e da vida democrática dos cidadãos de hoje e de amanhã.

Passados 52 anos, depois de governos à esquerda e à direita, o que encontramos é o esvaziamento do projecto Educativo, e a sua subserviência a um modelo cada vez mais hierárquico, burocrático e mercantilista. Testemunhos vários de que a qualidade de ensino, especialmente se o entendermos enquanto fator libertador e de promoção de igualdade social, vem em derrapagem, com especial destaque para as últimas duas décadas. Movimentos de liberalização e mercantilização do ensino vão inundando a escola pública, como uma falsa resposta à “centralidade do estado”. **Assim, a ideia de uma escola verdadeiramente democrática e ao serviço de TODOS vai-se esbatendo...**

2.O que é que aconteceu? Como chegámos aqui?

Muitas vezes ouvimos falar na esfera pública sobre a importância da escola, em discursos, ações, manifestações, greves... Contudo, a luta por melhores condições, carreiras dignas e justas para a classe docente parece ter engolido o tema “escola”. **E se esta luta não poderia ser mais justa e necessária, ela não desvirtua, mas também não responde, à necessidade de um debate mais alargado sobre o que é a escola hoje, a quem ela serve, e para que é que ela serve.**

A saturação do tema representado pela imagem do professor que reivindica pela sua carreira não o serve, antes pelo contrário, tem vindo a marginalizá-lo com a caricatura jocosa de “trabalhador público privilegiado” que luta sozinho.

É urgente contrariar esta ideia de divisão da comunidade escolar. É urgente uma discussão séria, global e **consequente** sobre um projeto alargado e **futuro para a Educação, que agregue a classe docente e não docente, alunos, pais, comunidade, TODOS.**

Sistemas económicos e sociais justos criam consciências e valores justos?

Consciências e valores justos criam sistemas económicos e sociais justos?

A escola como intermediário.

Num momento tão sério e desafiante como o que vivemos, não é mera coincidência que o sistema educativo privilegie o resultado ao processo, que seja regido por métricas de gestão empresarial, despersonalizadas, descaracterizadas e desumanizantes. É um espelho e propulsor de uma ideologia utilitarista que não serve o propósito maior do ensino e da aprendizagem, o de formar seres humanos dotados da vontade e da capacidade de questionar o mundo à sua volta, e a sociedade em que se inserem.

Como agentes cívicos e políticos que se debatem pela defesa e manutenção do sistema democrático, urge-nos a necessidade de fazer da escola um verdadeiro exemplo, não só de resistência, mas de prosperidade, **a utopia que chega e se instala**, como aconteceu nos anos 70.

Os progressos sociais trazidos pela escola pública e o direito à educação são absolutamente incontestáveis, e é nossa responsabilidade continuar a dar-lhes seguimento e não largar o sonho de uma escola verdadeiramente livre, democrática, plural e FELIZ, que contribua para a construção de uma sociedade que a espelhe.

Assim, **propomos**, com enorme ambição, vontade e urgência, **que o LIVRE possa marcar agenda no debate público iniciando um movimento corajoso de debate amplo e alargado pela Educação.**

A escola pode e deve ser o verdadeiro impulsionador de mudança, de ruptura e de esperança!

3.0 que queremos? Para onde vamos?

Uma reforma da educação guiada pelo LIVRE

Democracia, Liberdade e Ecologia - Pessoas, Tempo e Espaço

Ingredientes para uma nova escola

3.1 Democracia - Pessoas

A escola é **o primeiro contacto** alargado com o “**eu**” e o “**outro**”, o “**eu**” e o “**mundo**”. O primeiro laboratório de experimentação do “eu” com o coletivo extra-familiar. Como uma “pequena sociedade” dentro da sociedade.

O que sentem os intervenientes da primeira experiência, uma “sociedade escolar”, quando a mesma se encontra fixada numa hierarquia estática e anti-democrática, onde a competição e o resultado se sobrepõe à cooperação e ao processo?

Quando o professor é sistematicamente desvalorizado e substituído no seu processo relacional por ferramentas digitais de conveniência orçamental?

Quando o aluno é visto como agente passivo, submisso e vazio de contributo?

O intuito da educação deixa de ser de capacitação, encontro, conhecimento, libertação e partilha, e começa a ser uma instância de criação de mão de obra encomendada pelo mercado e as suas necessidades de expansão.

A escola deve ser feita por quem nela trabalha, por quem nela estuda, pela comunidade onde está inserida. A escola que idealizamos é e está ao serviço de TODOS e para TODOS.

A academia tem o seu papel, e deve levar as novas evidências devidamente creditadas para o centro da discussão e debate dos intervenientes. Deve empoderá-los de mais e melhores debates e ideias a aplicar, mas não se sobrepõe numa visão tecnocrática. Quem trabalha no terreno também oferece um tipo de conhecimento empírico sobre a implementação de novas práticas pedagógicas, assim como possíveis limitações ou constrangimentos de aplicabilidade em contexto corrente.

Descentralizar os órgãos deliberativos e executivos escolares é também um sinal de manutenção e prosperidade do nosso sistema democrático. Voltar a sistemas predominantemente colegiais, democraticamente eleitos pela comunidade escolar, que representam e respeitam a verdadeira autonomia escolar é um espelho da participação cívica, crítica e criativa que queremos no nosso sistema democrático.

Respeitar o lugar de participação do aluno e tratá-lo de forma democrática, é também um sinal de capacitação de presentes e futuros cidadãos envolvidos numa democracia saudável e próspera. A cidadania experimentada e vivida mais do que leccionada.

O progresso e a construção de uma nova escola deve ser feito sem deixar ninguém para trás.

Aprendemos uns com os outros.

O LIVRE deve ser um promotor e proporcionador de momentos de discussão e reflexão, plantando essa esperança e vontade de mudança. Como partido que defende um modelo de democracia plenamente participada, devemos procurar nos testemunhos e contributos de quem vive diariamente esta realidade as nossas propostas futuras. É a experiência vivida dessas pessoas - quem na escola trabalha, quem na escola estuda, quem a escola serve e quem com ela vive - que deve orientar a nossa ação política rumo a uma Revolução na Educação.

Não devemos ser agentes passivos nesta Revolução: devemos lançar o debate e apresentar-nos com uma visão para a Educação que concretize os princípios e os valores do LIVRE.

No eixo Democracia - Pessoas, são temas pertinentes para trazer a debate os seguintes exemplos:

- A Experiência dos trabalhadores docentes e não docentes ao serviço do desenho de uma nova Escola
- O papel do aluno enquanto sujeito ativo
- A comunidade extra-escolar e a Escola
- Autonomia e Democracia na Escolas
- Democracia e a Escola
- Arquitectura e Design, o poder da transformação dos espaços no acto de aprender
- Espaços mais democráticos, o círculo
- Sistema de Ensino e/ou Sistema de Aprendizagem

3.2 Liberdade - Tempo

“Escola” deriva do grego «*skholḗ*» (mais tarde através do termo latino «*schola*»), que significava algo como “tempo de lazer” ou “tempo livre”.

A palavra escola carrega em si uma necessidade intrínseca de tempo livre, pela conversa, o diálogo, o encontro, a relação. O tempo para o amor, para o deslumbramento com o mundo, e a curiosidade pelo processo de aprender enquanto relação com o outro, e com o mundo. Sem tempo para a fruição e para o “inútil”, ou o que assim é caracterizado de um ponto de vista utilitarista num contexto do sistema capitalista, não há escola.

Por outro lado, uma **escola inundada em tempos vazios** com o único objetivo de manter os alunos “ocupados” **para servir horários laborais sobrecarregados e desajustados não é escola, é um roubo da infância.**

Os direitos laborais estão no centro da discussão sobre o propósito e a qualidade do ensino. Não é possível pensar no propósito da educação se ela serve maioritariamente para responder à ausência de presença familiar e/ou rede de apoio. Não estamos a ser honestos, esta não é uma escola pensada nas necessidades dos bebés, crianças e jovens. É uma instituição que responde ao mercado de trabalho e à necessidade de ter as pessoas a trabalhar demasiado tempo, no caso dos pais, e até demasiado tarde, no caso dos avós.

Lutar pela escola é lutar por melhores condições de trabalho!

Lutar pelo trabalho é lutar pela escola e pelo direito à infância!**Não há relação sem tempo.**

A tentativa de colmatar a falta de professores através de um esvaziamento do seu estatuto e da simplificação das suas competências, desvalorizando-lhes as carreiras, assim como a tentativa sucessiva da sua substituição por ferramentas digitais, é um verdadeiro atentado ao futuro do país e da formação das próximas gerações. Remover a vertente relacional da aprendizagem terá consequências gravíssimas, não só no aumento das desigualdades sociais, como também na própria saúde mental de toda uma sociedade onde a relação e o tempo, elementos fundamentais para a nossa condição estão a ser abertamente arrancados. Porque **o ensino e a aprendizagem são inerentemente relacionais**, a remoção dessa vertente arrisca também resultar em piores resultados académicos, o que a longo prazo constitui um retrocesso sem precedentes nas nossas capacidades coletivas.

Aprender é relacional: Não há (à) presença Artificial!**No eixo Liberdade - Tempo, são temas pertinentes para trazer a debate os seguintes exemplos:**

- Qual o papel do professor?
- Qual o papel do aluno?
- Rácios de adulto/criança e/ou bebés, uma questão de saúde pública
- Formação e carreira de professores
- Serviço nacional de professores, como travar a falta de docentes nos próximos anos
- A quem serve a digitalização das escolas?
- O lugar e a função da tecnologia na Educação

3.3 Ecologia - Espaço

Durante a pandemia pudemos testemunhar, de forma excepcional, a importância dos espaços e da presença corpórea no exercício da aprendizagem. Com o esforço hercúleo dos profissionais da área educativa foi possível fazer de uma situação péssima, algo menos mau. Não obstante todo o meritório esforço e dedicação, hoje sabemos que o desempenho e o aproveitamento dos alunos foi manifestamente afectado.

A necessidade de **encontro, movimento, toque e espaço** tornou-se evidente, sobretudo para os mais pequenos.

Lamentavelmente, retirámos poucas consequências dessa experiência.

O contacto e a consciência ambiental não se ensinam, vivem-se e experimentam-se através do espaço escolar e da comunidade integrante.

Alguém que estuda na Lezíria do Tejo não aprende as ciências naturais como quem estuda na costa Algarvia, ou em terras Transmontanas. Cada região tem as suas particularidades e riquezas geográficas a agregar ao exercício de ensinar. **Isso não é limitação do currículo: é a substância do mesmo.** A aprendizagem deve ser uma ação contínua, conseqüente, enraizada e enquadrada numa realidade.

A escola precisa, também através do seu espaço, transpirar o currículo e as ideias que propõe, em detrimento de se transformar num lugar despido de significado e de identidade, meramente institucional e burocrático.

É, mais uma vez, **nas escolas que podemos modelar em pequena escala as mudanças que queremos estabelecer no mundo**. Escolas mais verdes, sustentáveis, onde as disciplinas e as áreas disciplinares não se dividem mas antes convergem em prol de um chão comum, o crescimento e o bem-estar de todos os envolvidos.

No eixo Ecologia - Espaço, são temas pertinentes para trazer a debate os seguintes exemplos:

- Identidade regional na Educação
- Arquitectura e Design, o poder da transformação dos espaços no acto de aprender
- Escolas Verdes e Sustentáveis
- A Natureza ensina
- Aliment(ação), o potencial das cantinas
- Comunidades de energia e sustentabilidade escolar

Conclusão

A Revolução na Educação é um tema que nos exige coragem política, ambição e participação colectiva. Mas exige também celeridade, porque **a Escola já esperou demais**.

A cada ano lectivo que passa sem caminho, sem visão, é um ano a menos de um enorme potencial individual e colectivo que não volta atrás.

A Educação tem de ser um tema central no próximo mandato dos órgãos nacionais do LIVRE, promovendo um **debate interno alargado sobre o modelo e a visão de Educação que o Livre quer defender, e ajudar a implementar**. Assim como **o desenho de futuras ações de mobilização e sensibilização para a urgência deste tema junto de toda a comunidade**.

Esse debate deve envolver docentes, estudantes, famílias, investigadores e restantes agentes educativos, contribuindo para a construção de uma proposta de ação coerente, inovadora e assente nos princípios da justiça social, da sustentabilidade e da igualdade de oportunidades.

Alunos cuidados, ouvidos e incentivados, serão seres humanos, cidadãos e trabalhadores mais **FELIZES**, saudáveis, atentos, participativos, exigentes e produtivos.

Professores que ensinam em condições de trabalho dignas e respeitadoras do seu tempo e das suas carreiras, com liberdade e criatividade, são professores mais abertos ao processo relacional, são profissionais mais capazes de aprofundar a sua área de conhecimento, com mais tempo e recursos. Um professor atento e apaixonado pelo saber pode ser uma profunda inspiração e propulsor de mudança na vida de uma criança.

Os alunos merecem mais, os professores merecem mais, os auxiliares de educação, os pais, **TODOS** merecemos mais. Merecemos uma Educação que cumpra as promessas de Abril, que as supere, e que sirva de elemento libertador de cada um de nós, individualmente e colectivamente.

Da mesma forma que a degradação da Educação, hoje vista como ferramenta utilitarista ao serviço do mercado de trabalho, foi um processo de várias décadas, assim será o caminho de volta a uma Educação de conhecimento, curiosidade, e valorização pessoal e da comunidade.

Mas **podemos semear essa mudança hoje** mesmo, com compromisso, inspiração e vontade.

Por uma Revolução na Educação que não só cumpra a promessa da Escola Pública, reclamada em 1974 e efetivada em 1976, mas também que a expanda, com todas as novas possibilidades, ferramentas, desafios e conhecimentos do século XXI.

Sem educação, o futuro perde voz; com educação, cada pessoa torna-se semente de mudança e cada escola um lugar onde o país aprende a florescer.

No LIVRE, comprometemo-nos hoje a trazer a escola para o centro da discussão política, para o seu sítio devido:

o centro da nossa vida democrática.

Proponentes

- Mariana Campos Flor
- Natércia Rodrigues
- Ana Cação

Subscritores

- Mariana Campos Flor
- Natércia Rodrigues
- Maria Manuela Moreira
- Tiago Correia
- Luís Caetano
- Ricardo Silva
- Ana Cação
- David Francisco
- Liliana Jordão
- Rui Simões
- Fábio Carvalho
- João Rodrigues
- Francisco Burnay
- Catarina Cerqueira
- Vítor A. Madureira
- Luísa Alvares
- Irene Gomes
- Carolina Serrão
- JL Cordovil